

Cidade colonial em decomposição: perspectivas da ecocrítica urbana sobre a narrativa latino-americana de Ramón Meza

Gilberto Alves Araujo¹
Lívia Aparecida de Almeida e Sousa²
Eliene Rodrigues Sousa³

Resumo: Este artigo analisa, à luz da Análise Crítica do Discurso de Norman Fairclough (1992) e da ecocrítica urbana (Bennett & Teague, 1999; Gandy, 2014), como a novela cubana *Mi tío el empleado* (1887), de Ramón Meza, delinea uma cartografia da decadência colonial que antecipa padrões neocoloniais nas metrópoles latino-americanas. O corpus foi dividido em cinco unidades temáticas a fim de examinar a dialética fachada/ruína, a ecologia sistêmica da corrupção, a produção de subjetividades cúmplices e as temporalidades desiguais que regem a burocracia colonial. A análise combina leitura microtextual de metáforas, gêneros administrativos e escolhas léxico-gramaticais com interpretação ecossistêmica de espaços como porto, repartições labirínticas e hospedarias insalubres. Os resultados apontam que documentos “galanos”, relatórios técnicos inflados e reformas arquitetônicas de fachada convertem a cidade em organismo autopoietico que metaboliza recursos públicos em lucro privado, enquanto ruínas e fungos marcam a colonialidade persistente. Compreende-se que a sátira de Meza oferece lente crítica para compreender continuidades entre corrupção oitocentista e gentrificação, captura estatal e exclusão socioespacial na América Latina contemporânea.

Palavras-chave: Ecologia urbana. Colonialismo. Decadência. América Latina. Análise do discurso.

A colonial city in decay: perspectives of urban ecocriticism on Ramón Meza’s Latin American narrative

¹ É pesquisador em Estudos do Discurso Midiático, doutor pela University of the Witwatersrand (WITS), instituição na qual também atua como Pesquisador Associado. Leciona no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Sua produção acadêmica articula discurso, linguagem e identidade, com ênfase em contextos midiáticos e literários. Coordena o Grupo de Pesquisa LICEPEX (UFPA/UNIFA), dedicado a investigações em sociolinguística, raça e educação nos contextos brasileiro e africano. ORCID Id: <https://orcid.org/0000-0002-8177-0730>. E-mail: gilberto.a.araujo@yahoo.com.br.

² É Doutora em Linguística Aplicada pelo Programa Interdisciplinar de Linguística Aplicada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Atua como professora e pesquisadora na Universidade da Força Aérea (UNIFA), onde coordena o Grupo de Pesquisa Ensino Militar: estratégias formativas e perspectivas (CNPq/UNIFA). Pesquisadora do NUVYLA - Núcleo de Estudos e Pesquisas da Escola de Vygotsky em Linguística Aplicada (CNPq/UFRJ). Desenvolve projetos interdisciplinares voltados ao ensino militar do futuro, formação de formadores, análise crítica do discurso, letramentos decoloniais e cognição militar. Possui ampla experiência em revisão textual, orientação acadêmica e docência para oficiais brasileiros e de nações amigas. Seus estudos articulam linguagem, identidade, formação e poder aeroespacial, com foco na constituição de comunidades epistêmicas em instituições de defesa. ORCID Id: <https://orcid.org/0000-0001-6421-1614>. E-mail: livia.a.a.sousa@gmail.com.

³ É doutora em Ensino de Língua e Literatura pela Universidade Federal do Tocantins (UFT) e mestre na mesma área pela mesma instituição. Graduou-se em Letras-Português e Inglês na UFT. Atua como professora de Língua Portuguesa na Secretaria de Educação e Cultura do Tocantins (SEDUC-TO) e realiza estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). ORCID Id: <https://orcid.org/0000-0001-8701-2677>. E-mail: licepep@gmail.com.

Abstract: Grounded in Norman Fairclough’s Critical Discourse Analysis (1992) and urban ecocriticism (Bennett & Teague, 1999; Gandy, 2014), this article examines how the Cuban novel *Mi tío el empleado* (1887) by Ramón Meza maps colonial decay that foreshadows neocolonial patterns in contemporary Latin-American metropolises. The corpus was divided into five thematic units to explore the façade/ruin dialectic, the systemic ecology of corruption, the fabrication of complicit subjectivities and the unequal temporalities that govern colonial bureaucracy. The study combines micro-textual reading of metaphors, bureaucratic genres and lexico-grammatical choices with an ecosystemic interpretation of settings such as the harbour, labyrinthine offices and unhealthy boarding houses. Findings point out that “galano” documents, inflated technical reports and cosmetic architectural reforms turn the city into an autopoietic organism that metabolises public resources into private profit, while ruins and fungi act as material traces of persistent coloniality. Meza’s satire therefore offers a critical lens for understanding continuities between nineteenth-century corruption and present-day gentrification, state capture and socio-spatial exclusion in Latin America.

Keywords: Urban ecology. Colonialism. Decadence. Latin America. Discourse analysis.

Introdução

Su relectura nos invita a reflexionar sobre la vigencia de sus páginas en nuestros días y a valorar la utlidad de sus profundas reflexiones y el impacto duradero de su legado – Cira Romero (2024, p. 5).

Este artigo analisa, com base na Análise Crítica do Discurso (ACD) de Fairclough e na ecocrítica urbana, os mecanismos linguísticos e narrativos que estruturam a representação da decadência institucional e moral na novela *Mi tío el empleado* (1887), de Ramón Meza. Busca-se compreender de que modo a linguagem literária constrói ambientes urbanos corrompidos e sujeitos disfuncionais, revelando uma ecologia colonial degradada cujos vestígios persistem nas metrópoles latino-americanas contemporâneas. Ao mobilizar os conceitos de cidade-ecossistema (Bennett e Teague, 1999; Ross, 1999; Schliephake, 2015) e discursos institucionalmente enraizados (Fairclough, 1992, 2003, 2013), propõe-se um quadro interpretativo que articula corrupção sistêmica, (neo)colonialismo urbano e desigualdade socioespacial.

Este estudo surge também como forma de homenagear Cira Romero (10 jan. 1946 - 16 mar. 2025), ensaísta, crítica literária e pesquisadora, falecida no decurso da construção desta pesquisa, e que, ao longo de mais de cinco décadas na Universidad de La Habana, consolidou-se como autoridade maior na narrativa cubana oitocentista (Cibercuba, 2025). Laureada com o *Prêmio de Ensaio José María Chacón y Calvo* (1995) e eleita Membro de *La Academia Cubana*

de *La Lengua* (2018), Romero, em seu último grande projeto (a edição comentada de *Mi tío el empleado*, encomendada pela Biblioteca Nacional de Cuba José Martí e publicada em 2024) não só devolveu à circulação acadêmica a sátira de Ramón Meza em texto fidedigno e ricamente anotado, mas também inspirou a presente pesquisa a revisitá-la à luz das abordagens da ACD e da ecocrítica urbana.

Ora, Ramón Meza (1861-1911) se encontra, ao lado de Cirilo Villaverde, entre os romancistas mais relevantes do século XIX cubano. Críticos destacam nele um estilista que rompeu os moldes românticos ao adotar um realismo satírico, de forte viés caricaturesco e grotesco, que lhe permitiu denunciar a corrupção colonial sem sacrificar a vivacidade formal do texto (Rafael, 2009). Para Muñoz (2020, s. p.), Meza reúne “espírito pertinaz e vasta cultura”, sendo o “romancista mais fecundo das postrimerías da Cuba colonial”. Essa combinação de erudição e sátira explica a permanência de sua obra, cuja leitura continua a oferecer ferramentas críticas para pensar relações entre poder, espaço e linguagem.

Mi tío el empleado acompanha a ascensão vertiginosa de Vicente Cuevas (peninsular pobre que desembarca em Havana) até converter-se em símbolo do funcionário colonial corrupto. Narrada pelo sobrinho de Cuevas, Manuel, a história descreve a chegada ao porto, o primeiro fascínio diante das muralhas, o ingresso em repartições labirínticas, a elaboração de relatórios fraudulentos e as seduções por casamento oportunista para selar a mobilidade social do protagonista. Entre episódios de carnaval grotesco, reformas de fachada e saques sistemáticos ao erário, Meza delinea uma Havana que “radiografa a burocracia colonial” com ironia mordaz (Romero, 2024, p. 5). A estrutura em dois tomos (*Cómo llegó a Cuba mi tío* e *Cómo salió de Cuba mi tío*) organiza consecutivamente 25 (Tomo I) e 20 capítulos (Tomo II) que alternam cenas de rua, bastidores de gabinetes e comentários metalinguísticos do narrador, conferindo ao texto agilidade dramática e densidade crítica.

Apesar de seu reconhecimento em Cuba e de estudos internacionais recentes (Coronel, 2007; Gomis-Izquierdo, 2018), a obra em tela permanece pouco lida no Brasil. Inexistem traduções integrais e faltam mais estudos acadêmicos dedicados à obra. O presente artigo, portanto, contribui para preencher essa lacuna, ao propor uma leitura crítico-discursiva e ecossistêmica que reinscreve o romance no debate latino-americano sobre ruínas coloniais, corrupção e relações sociais predatórias.

Este estudo se organiza em cinco seções analíticas, precedidas por uma discussão teórica, e seguidas da conclusão e das referências. Argumenta-se, ao final, que a obra de Meza

antecipa elementos estruturais das desigualdades contemporâneas e permanece uma lente crítica potente para compreender os efeitos persistentes da colonialidade nas ecologias urbanas latino-americanas.

Fundamentos Teórico-Metodológicos

Este estudo ancora-se na convergência entre a Análise Crítica do Discurso (ACD) de Fairclough e a ecocrítica urbana, articulando dois campos que, embora distintos, compartilham o interesse por processos de produção simbólica do espaço e do poder. A ACD fornece o arcabouço para apreender como estruturas linguísticas e narrativas naturalizam relações de dominação (Fairclough, 1992, 2003, 2013), enquanto a ecocrítica urbana (Bennett; Teague, 1999; Ross, 1999; Davis, 2006; Schliephake, 2015; Gersdorf, 2016; Bracke, 2014; Bayes, 2023) permite ler a cidade como ecossistema híbrido em que matéria construída, dinâmicas ambientais e práticas sociopolíticas se entrelaçam. Ao combinar esses referenciais, investigamos como *Mitío, el empleado* (1887) representa a degradação colonial como fenômeno simultaneamente discursivo e ecológico-urbano, evidenciando a “metabolização” corrupta do espaço cidadão.

No âmbito da ACD, adotamos o modelo tridimensional de Fairclough, que distingue (i) texto, (ii) prática discursiva e (iii) prática social. O nível textual orienta a análise de escolhas léxico-gramaticais, metáforas espaciais e construções narrativas que configuram burocracia, ruína e corrupção. O nível da prática discursiva focaliza processos de produção, distribuição e consumo de discursos, como, por exemplo, a circulação de categorias como “funcionário”, “repartição” ou “fachada” que ativam esquemas interpretativos sobre decadência. Por fim, a prática social relaciona essas textualidades às formações históricas do final do século XIX, marcadas por colonialidade do poder e reprodução de desigualdades estruturais (Quijano, 2005). Essa hierarquização analítica garante que descrições formais nunca se descole de seus efeitos ideológicos.

A ecocrítica urbana aprofunda o recorte metodológico ao deslocar a atenção do texto para a materialidade da cidade representada. Bennett e Teague (1999) conceituam “naturezas urbanas” como redes de fluxos humanos e não-humanos, enquanto Ross (1999) entende a ecologia urbana como “reivindicação social”. Davis (2006), por sua vez, descreve metrópoles periféricas como “paisagens de escassez produzida”. Schliephake (2015) e Gersdorf (2016)

insistem na agência material da infraestrutura, fungos, ruínas e resíduos, enquanto Bracke (2014) e Bayes (2023) investigam imaginários literários que moldam práticas espaciais. Esses aportes orientam a identificação, no romance, de figuras como o porto, a repartição e a hospedaria decrépita, interpretadas não só como cenários, mas como atores ecossistêmicos que reproduzem a lógica colonial de extração e exclusão. Assim, ruína arquitetônica, umidade, fungos e odores passam a ser lidos como dispositivos semiótico-ambientais que indiciam a falência institucional.

Metodologicamente, a pesquisa é qualitativa, interpretativista, e assume um desenho exploratório. O corpus corresponde ao texto integral de *Mi tío, el empleado*, consultado em uma de suas edições mais recentes. O romance foi segmentado em cinco unidades temáticas, que denominam as seções deste artigo. A exploração do texto se guia por uma análise indutiva-dedutiva, e vice-versa (Fairclough, 2003; Bennett & Teague, 1999), até alcançar a saturação conceitual. Trechos densos em descrições ambientais ou interações burocráticas receberam especial atenção, pois ativam múltiplas temáticas selecionadas.

O protocolo analítico desenvolveu-se em etapas não sequenciais: leitura ecológico-discursiva, inclui identificação de passagens onde materialidade urbana e prática discursiva se sobrepõem; análise textual micro-discursiva, que contempla a descrição de recursos retórico-gramaticais (metáforas, modalização, vozes narrativas) que configuram decadência e corrupção, quando ou se presentes; contextualização interdiscursiva, que compreende o mapeamento de elos entre essas passagens e outros discursos coloniais mencionados ou parodiados no texto; interpretação ecossistêmica, que demanda a articulação dos achados com categorias ecocríticas-urbanas (ruína, metabolismo urbano, temporalidades assimétricas) para explicar como o romance dramatiza a colisão entre fachada modernizante e decomposição institucional. Cada etapa passou por dupla conferência de codificação e discussão entre pares, visando minimizar o viés interpretativo (Fairclough, 2013).

Do ponto de vista epistemológico, a escolha de combinar ACD e ecocrítica urbana responde à premissa de que práticas discursivas são materialmente situadas e de que ruínas, fungos ou relatórios “galanos” operam como signos socioambientais que performam poder. Tal hibridização metodológica permite superar leituras restritas à sátira social ou à denúncia moral, evidenciando camadas socioecológicas sofisticadas ainda pouco exploradas pela crítica precedente.

Configuração espacial da degradação de Havana como sistema em colapso

A representação da cidade colonial em *Mi tío el empleado* dialoga com a ecocrítica urbana proposta por Bennett e Teague (1999), que compreendem o ambiente urbano não como pano de fundo passivo, mas como um agente ativo nas relações sociais. Para Ross (1999), a ecologia urbana configura-se como “reivindicação social”, na qual se entrelaçam estruturas de poder e dinâmicas ambientais. A Havana de Meza, arquétipo das cidades latino-americanas colonizadas (cf. Araújo & da Silva Freitas, 2022; 2023), aparece como um ecossistema urbano em colapso, cuja degradação física espelha a decomposição das estruturas coloniais. Essa perspectiva ecoa a abordagem de Gersdorf (2016), que propõe compreender as ecologias urbanas como sistemas complexos em que o espaço habitado é moldado pela intersecção entre fatores ambientais, sociais e políticos.

Desde a chegada de Vicente e Manuel a bordo do *Tolosa*, o romance estabelece o contraste entre a aparência idílica da cidade e sua realidade deteriorada, conforme nos permite entender Fairclough (2003), quando aponta como práticas discursivas constroem representações sociais. A descrição inicial da cidade, evocando um cenário paradisíaco – “El cielo azul... el mar azul también” (Meza, 2014, p. 6) – remete a um imaginário colonial idealizado (cf. Quijano, 2005; Araújo, 2019), que logo se desfaz diante da experiência concreta dos personagens.

A aproximação marítima da cidade, com sua paleta cromática e imagens pitorescas – “con sus casas de variados colores...” (Meza, 2014, p. 6) – cria uma ilusão de ordem e prosperidade, desmentida pela vivência direta, reveladora de tensões internas. A primeira interação dos viajantes com o aparato colonial, ao desembarcarem, já revela o clima de intimidação: “vestidos de dril azul... empuñaban unos retacos” (Meza, 2014, p. 10). A violência simbólica se concretiza quando seus pertences são revistados com brutalidade – “cortaron”, “abrieron”, “revolvieron” (Meza, 2014, p. 10) – numa cena que transforma o cais em espaço de humilhação e controle. Nesse ponto, a análise de Schliephake (2015) sobre a agência material dos ambientes urbanos mostra-se bastante pertinente.

O espaço portuário configura-se como zona extrativa e caótica, refletindo uma lógica colonial de acúmulo desordenado, como propõe Davis (2006). Apesar da aparente ordem, “pastores de ovelhas” que guardam mercadorias (Meza, 2014, p. 12), a vigilância constante

denuncia a fragilidade das instituições. A diversidade étnica do porto, catalogada por Vicente, “¿Y aquellos otros morenos...?” (Meza, 2014, p. 14-15), expõe um olhar colonizador que reduz sujeitos a estereótipos visuais. Nesse sentido, Ross (1999; cf. Araújo, 2020; Alves Araújo; da Silva Freitas, 2022) e outros destacam como disputas por espaço e recursos se acirram em contextos migratórios.

A Plaza de Armas ilustra bem o paradoxo entre monumentalidade e marginalização, “muchos desarrapados” dormem nos bancos (Meza, 2014, p. 15), revelando a falência simbólica do centro de poder (Fachin et al., 2011). Essa dualidade entre forma e função ecoa na hospedaria *León Nacional*, cuja “pobre apariencia” contrasta com a grandiloquência do letreiro (Meza, 2014, p. 16). As acomodações precárias, “galerías oscuras”, “escaleras medio desvencijadas” (Meza, 2014, p. 16), apontam para um padrão estrutural de descompasso entre fachada e substância, reiterado em outros espaços urbanos.

O ambiente insalubre, “verdeado por la humedad”, “luz de tinte lívido” (Meza, 2014, p. 32), afeta a subjetividade dos moradores, evidenciando a crítica de Schliephake (2015) à materialidade urbana como força modeladora da experiência social. Ademais, o pátio do *León Nacional*, “muy angosto, sin losas” (Meza, 2014, p. 32), exemplifica o avanço da natureza sobre a ruína: “hongos, musgos y helechos” colonizam os espaços abandonados (Silva & Araújo, 2023), onde os “muebles desvencijados” convivem com a vegetação em um ciclo de decomposição e recomposição (Bayes, 2023).

A verticalidade das repartições públicas simboliza hierarquias sociais e administrativas (Fairclough, 2013), como se vê no projeto de escada em caracol promovido por Don Genaro, voltado à corrupção e não à funcionalidade. Intervenções como essa, legitimadas por discurso técnico, ilustram como o espaço urbano é manipulado por interesses específicos (Davis, 2006), como exploraremos a seguir. Bennett e Teague (1999) defendem que o ambiente construído deve ser lido como inscrição material das relações de poder.

A temporalidade assimétrica, como no episódio em que Don Genaro se atrasa impunemente (Meza, 2014, p. 28), revela privilégios de classe, segundo debateremos mais adiante. A esse propósito, Fairclough (2003) argumenta que as práticas temporais expressam hierarquias, enquanto Gomes e Elizalde (2009) associam o ócio contemporâneo a distinções sociais. No cotidiano da cidade, por exemplo, marcadores acústicos como o som dos veículos (Meza, 2014, p. 211), funcionam como sinais sensoriais de estratificação (Schliephake, 2015).

A vida noturna, por sua vez, introduz ritmos que subvertem as hierarquias diurnas. Na véspera da Epifania, Vicente é envolvido por uma procissão popular de “desarrapados pilluelos” (Meza, 2014, p. 19) que ocupa as ruas e transforma temporariamente os espaços militares em arenas de celebração (Gersdorf, 2016). A descrição das muralhas coloniais revela sua função segregadora, mas, nesse momento, tais fronteiras são dissolvidas pelo corpo coletivo em festa.

Abandonado no alto do muro (Meza, 2014, p. 20-21), Vicente vive uma metáfora da vulnerabilidade dos recém-chegados, incapazes de decifrar os códigos urbanos (cf. Pires, 2019). O resgate por Domingo evidencia a força das redes de solidariedade paralelas às estruturas oficiais, sugerindo uma economia moral subterrânea (Meza, 2014, p. 21), como veremos mais à frente.

De fato, como evidenciaremos nas seções a seguir, a Havana de Meza se configura como organismo urbano enfermo, onde a ruína física reflete e alimenta os colapsos sociais e políticos do sistema colonial. A cidade torna-se, assim, palco e produto das contradições que a sustentam.

Ecologia da corrupção: redes de poder e degradação institucional

A estrutura burocrática colonial em *Mi tío el empleado* configura-se, portanto, como ecossistema autopoietico onde práticas corruptas não representam desvios ocasionais, mas modalidades normalizadas de funcionamento institucional. Nesse sentido, Fairclough (1992) teoriza como ordens do discurso estabelecem sistemas socialmente regulados com normas, gêneros textuais e práticas específicas que garantem sua reprodução; assim, a burocracia colonial apresentada por Meza opera precisamente como tal sistema, selecionando e promovendo sujeitos baseando-se em sua capacidade de integrar-se a esta ordem discursiva corrupta.

Ademais, se o que Ross (1999) argumenta a respeito das ecologias urbanas enquanto campos de disputa, onde diferentes grupos competem por recursos, é considerado válido, então, no romance em tela, esta competição se materializa através de redes institucionais que transformam o aparato estatal em mecanismo de enriquecimento privado.

A iniciação de Vicente Cuevas no sistema corrupto revela, por conseguinte, processos sistemáticos de transformação moral exigidos pela inserção burocrática. Com efeito, durante

sua primeira reunião privada com Don Genaro no escritório superior, Vicente recebe instruções explícitas sobre os requisitos éticos para sobrevivência institucional. É nesse momento que Don Genaro articula a máxima fundamental do sistema: “Mira, primo, es preciso dejar la vergüenza en Cádiz” (Meza, 2014, p. 82).

Nesse contexto, Davis (2006) analisa como sistemas urbanos, coloniais neste caso, operam através da marginalização sistemática de populações que não se integram às lógicas dominantes. A continuação da orientação de Don Genaro a Vicente exemplifica, com clareza, esta dinâmica. De fato, na interação entre ambos se marca a distinção entre moralidade doméstica e funcionalidade pública, o que estabelece uma esquizofrenia ética, permitindo aos funcionários manter identidades privadas respeitáveis enquanto participam de práticas profissionais corruptas.

A resistência inicial de Vicente representa, nesse cenário, vestígios de condicionamento moral que devem ser eliminados para garantir integração sistêmica. Diante disso, Don Genaro responde com ameaça que revela como o sistema disciplina elementos não conformes: “Con esos escrúpulos, desde ahora te digo que poco o ningún provecho sacarás... y sobre todo que estorbas, estorbas...” (Meza, 2014, p. 82).

Por sua vez, Schliephake (2015) examina como agência material e política ambiental se entrelaçam na produção de espaços urbanos. Em consonância com isso, o sistema de informes técnicos funciona como mecanismo de legitimação textual que transforma transações ilegais em procedimentos administrativos aparentemente necessários. Assim, quando Don Genaro encomenda a Vicente a elaboração do famoso relatório sobre a escadaria estabelece um projeto de produção discursiva que exemplifica como documentos oficiais mascaram operações fraudulentas. A instrução específica revela a tecnologização do discurso corrupto (Meza, 2014, p. 74).

Tal prescrição textual articula-se, portanto, com a análise de Fairclough (2003) sobre como gêneros discursivos específicos servem funções ideológicas particulares. O informe não visa comunicar necessidades administrativas reais, mas, antes, criar documentação que justifique gastos fraudulentos através de linguagem técnica persuasiva. A ênfase no “exordio o introducción” indica, ainda, conhecimento sofisticado de protocolos retóricos que conferem autoridade a textos oficiais independentemente de seu conteúdo substantivo.

A especificação estilística adicional – “pero con todo estilo galano, florido y castizo” (Meza, 2014, p. 74) – revela, ademais, como forma estética serve função legitimadora na

produção de documentos corruptos arquitetados por Don Genaro e Vicente. A esse respeito, Bennett e Teague (1999) entendem que análises ecocríticas devem examinar de que maneira práticas culturais específicas participam na configuração de ambientes sociais; neste caso, convenções retóricas prestigiadas são instrumentalizadas para mascarar fraude através de aparência de respeitabilidade intelectual.

De maneira complementar, a tramitação burocrática desse informe, não apenas revela a extensão da rede corrupta através da multiplicidade de instâncias envolvidas, mas também seu caráter complexo e difícil de navegar, até mesmo do ponto de vista espacial, uma vez que Vicente se perde em um prédio público tentando fazer o documento avançar.

Essa confusão geográfica simboliza, por conseguinte, a complexidade da estrutura corrupta onde múltiplos intermediários participam do processo sem necessariamente compreender sua totalidade. A metáfora do “pájaro aturdido” (Meza, 2014, p. 77) sugere, nesse sentido, como novatos no sistema experimentam desorientação física que espelha sua incompreensão dos mecanismos institucionais.

Diante disso, Davis (2006) aponta como burocracias urbanas frequentemente operam através de obscuridade deliberada que impede compreensão completa por parte dos participantes individuais, o que, no caso em tela, impede que funcionários individuais possam expor completamente as redes de corrupção.

Ainda segundo Ross (1999), que entende a ecologia urbana como arena de disputa mediada por estratégias desiguais, a divisão corrupta do trabalho impõe especializações funcionais que reproduzem riscos e benefícios de forma assimétrica. A posição de Manuel, narrador, revela como hierarquias se mantêm por diferentes formas de participação ilegal, com diferentes medidas de recompensa e encargo (Meza, 2014, p. 87). Neste caso, a distribuição desigual de responsabilidades corruptas reproduz a dominação social através de participação diferenciada em atividades ilegais (cf. Fairclough, 1992).

A contabilidade fraudulenta, nesse contexto, utiliza sistemas matemáticos alternativos que legitimam operações ilegais através da subversão de lógicas convencionais (cf. Bayes, 2023). Com efeito, durante suas operações de cálculo dos custos fraudulentos da escadaria, Vicente desenvolve aritmética que privilegia resultado desejado sobre precisão matemática: “Dos y dos son cinco y cinco doce y tres diecisiete...” (Meza, 2014, p. 84).

O mecanismo de promoções conecta, de forma direta, ascensão burocrática com participação corrupta, estabelecendo seleção institucional que favorece funcionários dispostos

a violar normas éticas (Bennett; Teague, 1999). A elevação súbita de Vicente do cargo de “simple sacudidor de expedientes” ao posto anteriormente ocupado por don Benigno provoca reações que indicam que funcionários compreendem a diferença entre promoções meritocráticas e corruptas (Meza, 2014, p. 48).

Essa mobilidade miraculosa evidencia, por sua vez, a substituição de critérios meritocráticos por lealdades pessoais e participação em esquemas corruptos (cf. Schliephake, 2015). Por outro lado, a expertise de don Benigno (como o alegórico nome sugere) representa ameaça ao sistema corrupto precisamente porque eficiência administrativa impede obscuridade necessária para operações fraudulentas. Nesse sentido, no entanto, os sistemas urbanos coloniais tendem a eliminar elementos que questionam sua lógica operacional básica de corrupção (ver Davis, 2006), o que ocorre com a demissão desse funcionário ao resistir ao acesso não autorizado aos arquivos por parte de político protegido.

Ora, a versão oficial da saída de don Benigno exemplifica bem como a violência institucional é mascarada através de ambiguidade discursiva, que impede a responsabilização clara enquanto estabelece precedente intimidador para outros funcionários honestos.

O sistema de cumplicidades desenvolve, nesse panorama, redes de proteção mútua baseadas em informações compartilhadas e sinalizações codificadas (ver Gersdorf, 2016). A menção de nomes específicos ativa mecanismos de proteção institucional que alteram comportamentos de funcionários subalternos, a exemplo da referência a don Genaro, que funciona como senha que interrompe investigações (Meza, 2014, p. 43). Sua rede de influência se dá através de múltiplos níveis da burocracia, o que confirma a complexidade ecológica das relações de poder nesse sistema (cf. Ross, 1999).

Para comunicações mais sensíveis, sistemas criptográficos garantem sigilo entre participantes da rede corrupta (Meza, 2014, p. 49). Tal sistema revela sofisticação operacional que protege informações mesmo dentro do ambiente institucional. A necessidade de ocultar informações de outros funcionários sugere níveis diferenciados de participação corrupta. A esse propósito, Fairclough (2013) observa, em modo foucaultiano, como o controle informacional reproduz estruturas de poder, criando acessos diferenciados que protegem lideranças (corruptas) enquanto mantêm funcionários subalternos em dependência.

A referência a esquemas de corrupção como “el negocio de la gran empresa” (Meza, 2014, p. 205) exemplifica bem como linguagem eufemística permite discussão de operações escusas em contextos públicos. Essa terminologia comercial neutra mascara, assim, atividades

fraudulentas através de vocabulário que sugere legitimidade empresarial, demonstrando sofisticação semiótica do sistema corrupto.

A temporalidade desse sistema diferenciado (cf. Bayes, 2023) privilegia, portanto, operações corruptas sobre procedimentos legítimos através de ritmos administrativos que favorecem transações não oficiais. Durante suas observações do funcionamento cotidiano das repartições, Manuel nota como atividades ilegais são executadas com “actividad febril” (Meza, 2014, p. 14), enquanto processos regulares enfrentam demoras sistemáticas. A capacidade administrativa é, assim, instrumentalizada para servir interesses particulares em detrimento de funções públicas legítimas.

O recrutamento de auxiliares expande, por conseguinte, a corrupção através de cooptação de novos participantes que se tornam dependentes do sistema (cf. Davis, 2006). A contratação de pessoal sem qualificação técnica cria vínculos de lealdade pessoal que substituem competência profissional, servindo à estratégia de Don Genaro. Essa incompetência deliberada, recursal para o sistema (cf. Schliephake, 2015), fortalece vínculos de dependência pessoal ao criar situação em que funcionários devem sua posição exclusivamente ao favor do patrão, não a qualificações objetivas.

Além disso, o sistema defensivo da rede corrupta inclui mecanismos de neutralização de ameaças (cf. Ross, 1999), através de desqualificação de críticos e eliminação de testemunhas problemáticas. A pressão exercida sobre funcionários honestos inclui isolamento social e sobrecarga de trabalho que torna insustentável manutenção de posições éticas ou a permanência do indivíduo no sistema.

A proliferação de documentação – “legajos”, “ofícios”, “expedientes” – cria ambiente burocrático em que o volume de papel obscurece conteúdo específico de documentos individuais. Essa estratégia de sobrecarga informacional protege operações corruptas através da criação de complexidade documental que impede análise detalhada por parte de supervisores ou investigadores.

A infraestrutura física da corrupção inclui modificações arquitetônicas, sistemas de comunicação e rearranjos espaciais que otimizam operações fraudulentas, já que o sistema, ainda que decadente e tendente à entropia, procura recursos para se reproduzir sempre (cf. Schliephake, 2015). A reforma do escritório em *Mi tío el empleado*, por exemplo, converte materialidade em fachada de modernização. Do “aquele cuarto tan oscuro, tan lleno de papeles” (Meza, 2014, p. 72) ao luxo que “reflete seu status elevado” (p. 111), emerge a dialética

aparência-substância do poder colonial: como afirmam Schliephake (2015) e Bennett & Teague (1999), objetos e arquitetura não apenas espelham, mas produzem hierarquias, conferindo legitimidade simbólica a práticas ilícitas.

Por fim, o romance ancora essa lógica numa memória institucional (cf. Araújo, 2017) – “cuarenta y cinco años... una oficina” (Meza, 2014, p. 106) – e no expurgo de provas: “lo más acertado es que los tires al basurero” (p. 110). A renovação elimina vestígios, perpetua o esquema e distribui benefícios que atraem cúmplices e punem dissidentes; assim, a infraestrutura oficial permanece como verniz de progresso enquanto encobre dominação corrupta.

Em verdade, a análise da ecologia da corrupção em *Mi tío el empleado* revela um sistema institucional que opera como organismo parasitário sobre o aparato estatal formal. Este sistema possui mecanismos internos de reprodução, defesa e expansão que garantem sua perpetuação independentemente de mudanças no pessoal individual. A corrupção emerge, desse modo, não como conjunto de atos isolados, mas como ordem social alternativa com suas próprias normas, práticas e estruturas de autoridade que competem com – e frequentemente superam – instituições formais.

Produção de subjetividades no discurso e na performatividade do funcionário colonial

A transformação de Vicente Cuevas de camponês empobrecido em funcionário colonial corrupto constitui, portanto, processo exemplar de produção discursiva de subjetividade, conforme proposto por Fairclough (1992). Nesse sentido, a metamorfose representa reconfiguração sistemática de habitus através da incorporação de novos códigos linguísticos, corporais e éticos que correspondem às exigências funcionais do aparato colonial corrupto. De fato, na narrativa em tela, o ambiente burocrático colonial funciona como ecologia de transformação identitária que produz tipos específicos de sujeitos funcionalmente adaptados às suas necessidades operacionais (cf. Bennett e Teague, 1999).

Desde o início, a linguagem inicial de Vicente revela posição social marginal através de marcadores discursivos que expressam insegurança, dependência e deferência extrema às autoridades constituídas (Meza, 2014, p. 29). Mais especificamente, construções sintáticas – marcadas pela inserção do modalizador “es verdad” e pela expressão religiosa “como hay Dios”

– indicam necessidade compulsiva de validação externa para conferir credibilidade às suas afirmações. A hesitação linguística de Vicente, por exemplo – evidenciada através de repetições, autocorreções e marcadores de incerteza –, expressa reconhecimento inconsciente de sua posição subordinada no novo ambiente social (ver. Ross, 1999).

Complementando esse quadro, a performance corporal de Vicente durante esta audiência complementa sua subordinação linguística através de gestualidade que expressa deferência física extrema. Sua postura de pé (Meza, 2014, p. 29) indica incorporação automática de protocolos hierárquicos onde autoridade se expressa através de diferenças de elevação física (cf. Schliephake, 2015).

À medida que o enredo avança, a transformação corporal de Vicente acompanha sua reconfiguração moral através de mudanças posturais que expressam crescente confiança e autoridade. A descrição de sua nova gestualidade contrasta dramaticamente com sua deferência inicial (Meza, 2014, p. 48). Portanto, esta performance física não representa mudança superficial de comportamento, mas transformação profunda de habitus que altera relação fundamental entre subjetividade e espaço social (ver. Bayes, 2023).

Do mesmo modo, a linguagem de Vicente desenvolve registros de autoridade que contrastam dramaticamente com sua humildade inicial. Quando assume posição de comando sobre funcionários subordinados, articula ordens através de modalidades imperativas que eliminam possibilidade de discussão (Meza, 2014, p. 64). Essa capacidade de Vicente de utilizar linguagem imperativa indica transformação subjetiva que permite mobilização de registros autoritários previamente inacessíveis (cf. Fairclough, 2013). Esta competência linguística nova não resulta de treinamento formal, mas de imersão em ambiente institucional que o recompensa por essa posição atitudinal, associada aos argumentos de autoridade etária e experiencial. Com efeito, à medida que a narrativa avança, confirma-se que relações de poder urbano se reproduzem através de práticas cotidianas que naturalizam dominação (ver. Ross, 1999). Reproduzem-se também estruturas de autoridade tradicional dentro do contexto burocrático “moderno”, demonstrando como formas pré-modernas de legitimação são instrumentalizadas para sustentar poder em contextos institucionais novos.

Além disso, a performatividade intelectual de Vicente desenvolve-se através da mobilização estratégica de capital cultural aparente que serve função de intimidação, não para uma comunicação genuína. Durante disputas com subordinados, Vicente recorre a citações eruditas que funcionam como demonstração de superioridade (Meza, 2014, p. 79). Assim, o

capital cultural aparente funciona como instrumento de dominação que desqualifica questionamentos através de intimidação intelectual.

Curiosamente, a autenticidade do conhecimento citado é irrelevante para sua eficácia performativa; a mera capacidade de enumerar nomes prestigiados confere autoridade suficiente para encerrar disputas. Schliephake (2015) analisa como agência material se manifesta através de múltiplos canais na experiência urbana; aqui, textos funcionam como objetos materiais cujo valor deriva de sua capacidade de produzir efeitos sociais específicos, não por seu conteúdo informacional.

Dessa forma, a violência simbólica exercida através desta performance erudita exemplifica como poder se materializa através de práticas aparentemente não coercitivas que neutralizam resistência através de desqualificação intelectual. A eficácia da estratégia evidencia-se na resposta do interlocutor, que abandona questionamento diante da demonstração de superioridade cultural aparente.

Ora, a incorporação da exploração sistemática de subordinados por Vicente representa culminação de sua transformação subjetiva, onde lógicas corruptas aprendidas no nível institucional são aplicadas às relações pessoais mais íntimas (cf. Davis, 1999). A delegação de tarefas perigosas ao sobrinho é justificada através de racionalização que transforma exploração em proteção (Meza, 2014, p. 85). Essa naturalização da exploração através de diferenças físicas aparentes exemplifica como o poder opera através da transformação de relações sociais construídas em diferenças naturais inevitáveis.

Nesse processo de transformação subjetiva, reconfiguram-se também as estruturas cognitivas que alteram percepção moral básica de Vicente. A matemática alternativa desenvolvida por ele para cálculos fraudulentos simboliza a subversão completa de padrões normativos estabelecidos. Com efeito, nota-se que a ecologia urbana de Havana se caracteriza por sistemas de valores alternativos que competem com normas sociais convencionais (ver. Ross, 1999).

Notadamente, a naturalidade com que Vicente aplica essa aritmética impossível indica transformação cognitiva profunda em que lógicas corruptas tornam-se automatizadas. Essa automatização sugere incorporação completa de novos padrões de raciocínio que substituem estruturas cognitivas anteriores ao invés de apenas sobrepô-las.

Por outro lado, a capacidade de modificar o ambiente construído – evidenciada na construção da escadaria – indica níveis de agência material previamente inacessíveis. Essa

capacidade de transformar arquitetura institucional representa culminação da transformação subjetiva de Vicente, segundo a qual o poder sobre outros se estende a poder sobre ambiente físico.

Em última análise, a transformação completa de Vicente exemplifica produção discursiva de subjetividade adaptada funcionalmente às exigências de sistema social específico (ver. Fairclough, 2013). Essa adaptação não representa escolha individual, mas resultado de pressões ambientais sistemáticas que selecionam características subjetivas compatíveis com necessidades institucionais. Trata-se, assim, da ecologia urbana produzindo irreversivelmente a subjetividade das personagens, o que se evidencia pela naturalidade com que Vicente exerce poder.

Importante destacar, contudo, que essa transformação não ocorre através de coerção direta (cf. Fairclough, 2013), mas mediante processos sutis de condicionamento que alteram linguagem, corporalidade, cognição e valores morais dos participantes. A incorporação de códigos de masculinidade dominante por Vicente acompanha sua ascensão hierárquica através de transformações que alteram sua relação com espaço social e autoridade (Meza, 2014, p. 69).

Nesse contexto, os sistemas urbanos coloniais de Havana, como nos permite compreender Davis (2006), instrumentalizam diferenças de gênero para reproduzir estruturas de dominação. A masculinidade corrupta de Vicente opera através da subordinação de formas alternativas de masculinidade – representadas pelo sobrinho estudioso e questionador – que são desqualificadas através de associação com imaturidade e inexperiência.

Adicionalmente, a cortesia performativa de Vicente em contextos públicos contrasta dramaticamente com sua brutalidade em relações privadas, revelando competência em mobilizar registros comportamentais diferenciados conforme exigências contextuais (ver. Fairclough, 1992). Durante eventos sociais, ele adota linguagem cerimoniosa que mascara sua natureza predatória (Meza, 2014, p. 119).

Aliás, a sedução como tecnologia de poder é mobilizada por Vicente durante sua tentativa de estabelecer relações matrimoniais com Aurora, filha do rico don Fulgencio. Esta investida revela como estratégias aprendidas no contexto burocrático são transferidas para relações pessoais, onde poder econômico e posição social são instrumentalizados para pretensões afetivo-românticas (Meza, 2014, p. 104). Nesse contexto, produtos cosméticos (perfume, acessórios, estilo de cabelo) também funcionam como tecnologias que permitem reconstrução completa da identidade corporal, como se nota no reino animal não-humano.

Dessa maneira, Vicente mobiliza recursos materiais diversos para objetivos relacionais específicos, a exemplo da incorporação de discursos de legitimidade social falsa ou inventada que ele faz funcionar como capital simbólico, pela conexão com a elite já estabelecida (Meza, 2014, p. 119).

Em consonância com isso, e com as concepções de Fairclough (2003), para quem as práticas discursivas constroem identidades sociais através de processos que alteram relações entre linguagem e realidade social, a capacidade de Vicente de mobilizar linguagem aristocrática indica transformação subjetiva que permite acesso a registros discursivos previamente inacessíveis, demonstrando plasticidade identitária que facilita mobilidade social ascendente, o que ocorre, mas não sem obstáculos e resistência, conforme demonstrado na investida de don Fulgêncio: “¿Pues qué se habrán creído estos pelagatos?, ¿que porque tienen un destínillo de tres al cuarto y se visten elegantemente y van al teatro, ya pueden sonsacar nuestras hijas y hablarnos, presuntuosamente a los padres?” (Meza, 2014, p. 125).

Segundo Davis (2006), essa seria uma evidência de que sistemas urbanos (coloniais, neste caso) mantêm hierarquias através de mecanismos que impedem mobilidade social não autorizada. A elite estabelecida se protege através de reconhecimento de performances inautênticas. Essa postura simbólica de don Fulgencio demonstra que a exclusão social funciona também através de desqualificação da própria possibilidade de interação.

Dessa forma, a humilhação sofrida por Vicente revela a fragilidade de identidades construídas através de performance ao invés de legitimidade social estabelecida. Por sua vez, a reação de Vicente, entre vergonha e raiva, expressa tensões psicológicas produzidas pela discrepância entre identidade aspirada e reconhecimento social efetivo.

Portanto, essa análise da produção de subjetividades em *Mi tío el empleado* revela processos complexos através dos quais ambientes institucionais coloniais transformam indivíduos em sujeitos funcionalmente adaptados às exigências de sistemas corruptos. Esta transformação opera através de múltiplos registros – linguístico, corporal, cognitivo, moral – que alteram fundamentalmente relações entre subjetividade e uma ecologia social decadente.

Temporalidades da decadência em ritmos urbanos

A Havana colonial representada em *Mi tío el empleado* opera através de temporalidades múltiplas e contraditórias que evidenciam processos de deterioração sistêmica em diferentes escalas cronológicas. Essas temporalidades revelam-se através de ritmos administrativos disfuncionais, ciclos econômicos predatórios, e padrões de degradação urbana que materializam o colapso estrutural do sistema colonial. A análise dessas temporalidades sobrepostas permite compreender como decadência opera não como evento singular, mas como processo complexo que se manifesta através de múltiplos registros simultâneos (ver. Gersdorf, 2016).

Na narrativa, o funcionamento irregular das instituições coloniais estabelece ritmos assimétricos que favorecem sistematicamente classes privilegiadas através de controle sobre temporalidades administrativas, a exemplo da chegada tardia habitual de Don Genaro (Meza, 2014, p. 28). Esta dessincronização temporal produz hierarquias através de diferenças na relação com tempo institucional (ver. Fairclough, 2003), onde autoridade se expressa mediante capacidade de fazer outros aguardarem enquanto executa atividades não essenciais. Consequentemente, os “negócios”, mencionados repetidamente no romance, funcionam através de ritmos que aceleram acumulação privada enquanto desaceleram desenvolvimento social geral.

Esta lógica temporal invertida, segundo a qual o cumprimento de horários indica subordinação e atraso expressa autoridade, indicia subversão completa de princípios administrativos racionais em favor de lógicas pessoais de dominação. Trata-se de uma das contradições do sistema urbano colonial, que impede o funcionamento eficiente em favor de reprodução de privilégios específicos (ver. Davis, 2006). O ciclo de produção textual dos documentos fraudulentos estabelece temporalidade específica que subordina qualidade técnica à urgência política, conforme evidenciado no processo de elaboração do relatório sobre a escadaria.

Essa aceleração artificial evita um escrutínio que poderia desvelar a natureza fraudulenta da operação. Adicionalmente, torna-se instrumento para alterar a disposição ética de agentes involuntários em esquemas de corrupção, como é caso do carpinteiro que constrói a fraudulenta escadaria da repartição onde Vicente trabalha.

Essa urgência também emerge na eliminação de indivíduos indesejáveis ao sistema colonial corrupto e decadente. A rapidez da remoção final de don Benigno contrasta com o período prolongado de pressão preparatória, demonstrando como o sistema corrupto utiliza temporalidades diferenciadas para diferentes funções: pressão gradual para quebrar resistência,

seguida de eliminação súbita para evitar organização de defesa. Nesse sentido, a temporalidade das promoções corruptas também subverte cronologias meritocráticas estabelecidas através de aceleração artificial que recompensa cumplicidade e não competência, vide a elevação súbita de Vicente.

Por outro lado, a ocupação temporal de espaços fortificados (Meza, 2014, p. 19) estabelece temporalidade alternativa onde funções militares são suspensas em favor de atividade lúdica popular. A transformação é temporária, mas significativa, demonstrando como ritmos populares podem reconfigurar significados espaciais através de práticas que ignoram protocolos estabelecidos.

A natureza efêmera desta subversão – evidenciada pelo abandono súbito de Vicente no alto do muro quando festividade termina – revela limites temporais de resistências populares dentro de estruturas de poder estabelecidas. Bennett e Teague (1999) argumentam que práticas culturais urbanas participam na reprodução de hierarquias sociais; neste caso, subversão festiva opera dentro de limites que não ameaçam fundamentalmente estruturas de dominação.

Já a temporalidade da sedução desenvolvida por Vicente revela ritmos específicos que subordinam desenvolvimento emocional genuíno a objetivos instrumentais de mobilidade social. A preparação elaborada para encontro com Aurora – incluindo transformações corporais extensivas – estabelece cronologia artificial que prioriza performance acima da autenticidade.

A duração excessiva dedicada a preparação cosmética – evidenciada pela descrição detalhada de procedimentos que transformam aparência natural – contrasta com a superficialidade da interação romântica efetiva, revelando inversão de prioridades temporais que privilegia aparência sobre substância. Essa desproporção sugere uma compreensão da sedução como performance teatral e não relacionamento genuíno.

A rapidez da rejeição por don Fulgencio, que reconhece o abismo entre pretensões aristocráticas e realidade social, demonstra a eficácia de mecanismos de exclusão social que operam através de temporalidades aceleradas. Estas impedem o desenvolvimento de estratégias defensivas por parte de aspirantes não autorizados.

Resistências fragmentadas e limites da crítica social

A representação das resistências em *Mi tío el empleado* revela paisagem complexa de oposições fragmentadas que, embora incapazes de desafiar fundamentalmente o sistema corrupto, demonstram persistência de consciência crítica mesmo sob condições de dominação extrema. Fairclough (1992) aponta como a resistência discursiva opera através de múltiplas modalidades que incluem silêncios estratégicos, ironias subversivas e recusas parciais que mantêm espaços de autonomia dentro de estruturas opressivas. No romance de Meza, essas resistências manifestam-se através de vozes que, embora marginalizadas e fragmentadas, preservam a capacidade de diagnóstico social que contrasta dramaticamente com a acomodação generalizada das elites coloniais aos esquemas de corrupção.

Ross (1999) argumenta que ecologias urbanas se caracterizam por tensões permanentes entre forças de dominação e resistência que se manifestam através de práticas cotidianas aparentemente menores, mas politicamente significativas. Nesse sentido, a resistência inicial de don Benigno ao sistema corrupto opera através de modalidades que evitam confrontação direta enquanto preservam integridade ética pessoal, estabelecendo forma de oposição que, embora não transforme estruturas institucionais, mantém possibilidade de crítica moral dentro do aparato burocrático. Entretanto, a resposta de Don Genaro à resistência de don Benigno, marcada por pressões sistemáticas que precedem sua eliminação, demonstra eficácia dos mecanismos institucionais de supressão de dissidência através de métodos que evitam confrontação pública.

Já a perspectiva crítica de Manuel, sobrinho de Vicente, emerge através de questionamentos mais sutis, passivos, discretos ou silenciosos, possíveis frutos de sua juventude e ingenuidade, mas que revelam potencial para análise social, o que contrasta com a agentividade de seu tio nos esquemas corruptos. Ademais, a persistência de Manuel em fazer perguntas leva Vicente a recorrer a táticas autoritárias de silenciamento que revelam a ausência de justificativas legítimas para suas atividades. Há episódios, entretanto, em que a criticidade de Manuel assoma mais explicitamente, mas além de raros, são reativos e narrados em retrospecto: “Yo no acepté. Esta fue, precisamente, la causa de la rencilla” (Meza, 2014, p. 298).

Por sua vez, a resistência do carpinteiro ao projeto da escadaria revela uma consciência de classe trabalhadora que inicialmente reconhece a natureza ilegítima dos esquemas de corrupção, apesar das pressões econômicas para a participação. Sua resposta inicial – “No, no, señor - oí exclamar una vez al carpinteiro -, yo no soy hombre de ésos” (Meza, 2014, p. 73) –

articula um limite moral que distingue entre o trabalho legítimo e a participação em atividades fraudulentas, entre sua consciência e as fronteiras de seu código de ética (ver. Bayes, 2023). Tais limites, porém, logo se sujeitam à coerção econômica que ameaça a subsistência do trabalhador latino-americano (Meza, 2014, p. 74). Com efeito, a ambiguidade emocional descrita – “no podía adivinarse si iba contento o triste” (Meza, 2014, p. 74) – sugere uma complexidade psicológica resultante dessa participação forçada.

Episódios como esse, portanto, ilustram que a resistência é mínima e rapidamente suprimida pela ecologia urbana colonial. A natureza fragmentária dessas resistências em *Mi tío el empleado* reflete padrões mais amplos de dominação colonial, que impedem a coordenação entre formas de oposição por meio do isolamento sistemático de vozes críticas e da supressão de alternativas às práticas corruptas. A transformação acima evidencia que a corrupção sistêmica opera não apenas pela coerção, mas por meio da criação de condições em que o comportamento ético torna-se impraticável, enquanto o comportamento corrupto é normalizado e, por fim, recompensado, ou sancionado simbolicamente, como o é Manuel pelo tio: “Anda, zoquete, pérfido, ingrato, nunca servirás para nada” (Meza, 2014, p. 298).

A representação das celebrações populares durante a procissão dos Reis Magos revela uma emergência momentânea de ordem social alternativa e resistente, que subverte hierarquias estabelecidas pela ocupação festiva de espaços militarizados (Meza 2014, p. 19-20). A ocupação dos muros fortificados – “las murallas, aquellos grandes muros de piedra almenados” (Meza, 2014, p. 20) – representa uma inversão simbólica das hierarquias, por meio da apropriação popular. Essa transformação temporária demonstra a persistência de uma consciência popular capaz de ação coletiva, apesar da repressão estrutural.

A natureza efêmera dessa ocupação popular, no entanto, evidenciada pelo abandono de Vicente ao final da festividade, revela os limites da resistência dentro de estruturas que permitem subversões momentâneas, mas mantêm relações de poder fundamentais. Sua participação entusiasmada, seguida pelo abandono da comunidade popular quando isso atende aos seus interesses individuais, demonstra como os sistemas de poder/corrupção fragmentam a solidariedade potencial por meio de oportunidades individuais que separam aliados em potencial da resistência coletiva.

A representação pelo romance de Meza sugere que a corrupção e domínios sistêmicos operam por estratégias que fragmentam a oposição potencial, cooptando elementos por meio de benefícios seletivos, criando condições pelas quais a resistência individual se isola e se torna

ineficaz diante de uma corrupção estruturada e normalizada por mecanismos institucionais que suprimem alternativas e mantêm a corrupção como realidade social dominante.

Conclusão: o legado colonial e as ruínas da contemporaneidade latino-americana

O exame crítico-discursivo de *Mi tío el empleado* revelou quatro perspectivas centrais (dialética aparência/substância, ecologia sistêmica da corrupção, produção de subjetividades cúmplices e temporalidades desiguais) que convergem com a literatura da área e apontam desdobramentos neocoloniais atuais no Brasil e na América Latina.

Primeiro, a oposição entre fachada monumental e ruína interna que recorre no romance confirma a leitura de Meza “como una imagen esperpéntica [...], donde la corrupción campa a sus anchas” (Gomis-Izquierdo, 2018, p. 104). Tal estética do grotesco urbano já fora apontada também por Coronel (2007, p. 153) ao notar que a obra introduz “el carácter profundamente deformador de las estructuras de la colonia”. Esses estudos sustentam nossa conclusão de que a Havana literária funciona como vitrine enganosa que esconde a decomposição institucional, uma lógica que se repete nas metrópoles latino-americanas: avenidas modernizadas contrastam com periferias precarizadas, espelhando o “contrato social seletivo” de capitais como Rio de Janeiro, São Paulo ou Cidade do México, onde a cosmética urbanística convive com favelização e violência ambiental.

Segundo a ecologia da corrupção narrada por Meza (inflar orçamentos, destruir arquivos e criar relatórios “galanos”) faz avançar a crítica histórica de Quiroz (2001 *apud* Gomis-Izquierdo, 2018) sobre corrupção e burocracia colonial. A mesma lógica transoceânica, “¡no hay más que tener buenas influencias en Madrid!” (Meza, 2014, p. 106), é descrita como “corrupção transatlântica” na análise comparativa da autora. No Brasil contemporâneo, escândalos, como a “Fraude do INSS” (Galvão, 2025), revelam a persistência dessas redes que capturam o Estado por meio de relatórios técnicos, pareceres jurídicos e reformas-fachada, repetindo o ciclo conforme o qual a legalidade formal legitima o saqueio material, dinâmica já figurada no romance.

Terceiro, a fabricação de sujeitos corruptos encontra paralelo nas leituras de Yero (2011), para quem Meza dramatiza “muecas” morais que o sistema impõe sobre indivíduos ambiciosos. Nosso estudo mostra Vicente Cuevas apropriando-se de capital simbólico,

ensinando-nos que a colonialidade subsiste pela plasticidade identitária que normaliza práticas ilícitas. Em termos contemporâneos, elites técnicas treinadas em discursos de “governança” adotam rapidamente léxico anticorrupção enquanto perpetuam privilégios herdados, fenômeno visível nas reformas gerenciais de Estados andinos ou nas PPPs brasileiras, onde a linguagem de eficiência mascara captura de valor.

Quarto, a sobreposição de temporalidades (lentidão para processos legais, celeridade para peculato) dialoga com a observação de Rodríguez Coronel (2007) de que Meza transgride a modernidade literária justamente por escancarar ritmos desiguais entre colônia e projeto burguês. A literatura crítica latino-americana enfatiza que os “déficits de tempo” ainda estruturam desigualdades: filas intermináveis em serviços públicos contrastam com fast-tracks para capitais extrativistas na Amazônia, replicando a aceleração seletiva retratada pelo romance.

Esses paralelos evidenciam que *Mi tío el empleado* não é apenas diagnóstico oitocentista; oferece matriz analítica para compreender o presente neocolonial latino-americano. A caricatura do funcionário que infla contas (“Dos y dos son cinco”) reaparece no superfaturamento de obras para megaeventos; a burocracia-labirinto evocada no “mapa das repartições” ressoa nos emaranhados normativos que dificultam controle social sobre orçamento público. A “ausência dos cubanos em seu próprio governo” apontada por Gomis-Izquierdo (2018) no mutismo de personagens subalternos espelha a exclusão histórica de povos indígenas, ribeirinhos, povos tradicionais e comunidades quilombolas dos processos decisórios sobre territórios e políticas na América Latina.

Ao mesmo tempo, a obra sugere potenciais de resistência: a ocupação popular das muralhas na procissão dos Reis Magos antecipa táticas contemporâneas de reapropriação urbana (movimentos como o #OcupaEstelita no Recife ou o #Rolezinho em São Paulo) que suspendem, ainda que brevemente, a ordem neocolonial do espaço. Igualmente, as crônicas pouco estudadas de Meza sobre Madrugá, que defendem educação rural e arborização pública (ver. Izquierdo; Orihuela, 2025), alinham-se à agenda socioambiental latino-americana atual, que visa reconciliar justiça social e preservação ecológica.

O artigo demonstra relevância ao articular a ACD de Fairclough com o arcabouço ecocrítico urbano, mostrando que a decadência colonial em *Mi tío el empleado* se manifesta não só na textura moral dos personagens, mas na própria “ecologia” de fachadas, fungos e papéis oficiais que encapsulam a dialética aparência/substância. Ao rastrear como a cidade

encena modernidade enquanto sustenta práticas predatórias, o estudo converge com leituras de Meza como cronista do grotesco urbano (Gomis-Izquierdo, 2018; Coronel, 2007), mas avança ao evidenciar que a corrupção ali descrita opera como sistema autopoietico ambientalmente situado, algo que as críticas anteriores apenas tangenciaram. Essa lente interseccional permite rever o romance como chave para decifrar os ciclos de reformas cosméticas e a captura estatal que atravessam a história latino-americana, oferecendo quadro interpretativo que conecta ruínas coloniais aos megaprojetos “smart” atuais.

Além disso, o texto inova ao vincular ritmos urbanos dissonantes (lentidão burocrática versus rapidez do peculato) a regimes temporais neocoloniais observáveis no Brasil deste século, evidenciando que os “déficits de tempo” denunciados por Rodríguez Coronel (2007) ainda estruturam exclusões. A análise mostra que a metamorfose de Vicente Cuevas em peão corrupto ilustra a plasticidade identitária exigida por regimes que trocam mérito por lealdade, avançando sobre Quiroz (2001 *apud* Gomis-Izquierdo, 2018) ao localizar tal plasticidade no entrelaçamento de espaço, corpo e discurso. Ao reinscrever o romance na pauta contemporânea da justiça social e da ecocrítica urbana, o artigo também amplia a discussão de Yero (2011), superando o tópico da “mueca” moral, revelando como ruínas, fungos e escadarias fraudulentas continuam servindo de modelo para apropriações urbanas que, sob a retórica da modernização, perpetuam vulnerabilidades historicamente coloniais em toda a América Latina.

Em síntese, o presente estudo confirma a pertinência de *Mi tío el empleado* como espelho antecipatório das persistências neocoloniais: fachada modernizante, corrupção sistêmica, subjetividades maleáveis e tempos desiguais. Tais vetores articulam-se na realidade brasileira e latino-americana, na qual pacotes de infraestrutura gigantescos, discursos de “smart city” e reformas tecnocráticas reproduzem assimetrias coloniais sob roupagem contemporânea. Resguardadas as devidas proporções, a obra de Meza, portanto, permanece ferramenta crítica para desvelar como, atrás de cada nova pintura urbanística, continuam operando os estratagemas e as retóricas que convertem “dois e dois” em soma rentável para poucos, cristalizando uma modernidade que ainda ostenta, mas não democratiza, seu brilho.

Referências

ALVES ARAÚJO, G.; DA SILVA FREITAS, G. M. A review on discourse studies concerning migrants in media publications from Brazil and South Africa: towards more Afro-Latin perspectives. **Index.comunicación**, v. 12, n. 1, p. 309-333, 2022a.

ALVES ARAÚJO, G.; DA SILVA FREITAS, G. M. Afro-migrantes em jornais do Sul Global: “Criminosos”, “Samaritanos” e “Vítimas”. **Fórum Linguístico**, Itajaí, v. 20, n. 3, p. 9139-9156, 2023.

ALVES ARAÚJO, G.; DA SILVA FREITAS, G. M. Migrantes na mídia latino-americana e africana: uma revisão de literatura por perspectivas menos eurocêntricas. **Caderno de Letras**, Rio de Janeiro, n. 42, p. 443-462, 2022b.

ARAÚJO, G. A. Black migrants in Brazilian and South African tabloids: representations on the Global South. **Journal of Global Diaspora & Media**, v. 1, n. 1, p. 35–53, 2020.

ARAÚJO, G. A. Memória e identidade brasileira em “Baú de Ossos”. **Muitas Vozes**, v. 6, n. 1, p. 55-67, 2017.

ARAÚJO, G. A. Retratos literários das favelas do Zimbábue: perspectivas sobre cidade e humanidade em Christopher Mlalazi. **Periferia**, v. 16, p. 1-31, 2024.

ARAÚJO, G. A. Teachers’ discourse on English language teaching: faces of resistance and neo-colonialism. **International Journal of Critical Diversity Studies**, v. 2, n. 1, p. 71-91, 2019.

BAYES, Chantelle. **Reimagining Urban Nature: literary imaginaries for posthuman cities**. Liverpool: Liverpool University Press, 2023.

BENNETT, Michael; TEAGUE, David W. Urban ecocriticism: an introduction. In: BENNETT, Michael; TEAGUE, David W. (Org.). **The nature of cities: ecocriticism and urban environments**. Tucson: The University of Arizona Press, 1999. p. 3-14.

BRACKE, Astrid. The contemporary English novel and its challenges to ecocriticism. In: GARRARD, Greg (ed.). **The Oxford Handbook of Ecocriticism**. Oxford: Oxford University Press, 2014. p. 423–439.

CIBERCUBA. Falece em Havana a ensaísta e crítica literária cubana Cira Romero Rodríguez aos 79 anos. **CiberCuba**, [s.l.], 17 mar. 2025.

CORONEL, R. R. Mi tío, el empleado: uma transgressión modernizadora. **Contexto**, v. 11, n. 13, 2007.

DAVIS, Mike. *Planet of slums*. London: Verso Books, 2006.

FACHIN, P.; TELLES, S.; KLEY, R. Rocinha: uma favela conveniente à classe média. Entrevista especial com José Cláudio Alves. *Instituto Humanitas Unisinos*, 2007-2017.

FAIRCLOUGH, Norman. *Analysing Discourse: Textual Analysis for Social Research*. London: Routledge, 2003.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discourse and Social Change*. Cambridge: Polity Press, 1992.

FAIRCLOUGH, Norman. *Language and power*. 2. ed. New York: Routledge, 2013.

GALVÃO, Márcio. Fraude no INSS: esquema em associações envolveu propina, 'laranjas' e lobistas, apontam investigações. *GI*, 28 abr. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2025/04/28/fraude-no-inss-esquema-em-associacoes-envolveu-propina-laranjas-e-lobistas-apontam-investigacoes.ghtml>. Acesso em: 28 jun. 2025.

GERSDORF, Catrin. Urban ecologies: an introduction. *Ecozon@: European Journal of Literature, Culture and Environment*, [S.l.], v. 7, n. 2, p. 1–9, 2016.

GOMES, C.; ELIZALDE, R. Trabajo, tiempo libre y ocio en la contemporaneidad: Contradicciones y desafíos. *Polis: Revista de la Universidad Bolivariana*, v. 8, n. 22, p. 249-266, 2009.

GOMIS-IZQUIERDO, V. Cuba y su imagen esperpéntica en *Mi tío el empleado* de Ramón Meza. *Catedral Tomada*, v. 6, n. 10, p. 103-126, 2018.

IZQUIERDO, Y. C.; ORIHUELA, J. El legado científico y cultural en las crónicas de Ramón Meza y Suárez Inclán. *Islas*, v. 67, n. 211, p. 1-18, 2025.

MUÑOZ, S. M. Ramón Meza y su trascendente obra pedagógica y literaria. *Cubarte*, 5 dez. 2020.

PIRES, Karina Coelho. **O discurso do gestor universitário em campanha**. 2019. 205 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/22869>. Acesso em: 23 jun. 2025.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas*. 2. ed. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142.

RAFAEL, Luis. Ramón Meza y su novela *Mi tío el empleado*. *Centro Virtual Cervantes*, Rinconete, 2 nov. 2009. Disponível em: <https://cvc.cervantes.es> Acesso: 16 mai. 2025.

ROMERO, Cira. Sinopsis. In: MEZA, R. **Mi tío el empleado**: edición comentada con textos acompañantes. Habana: Ediciones Bachiller, 2024.

ROSS, Andrew. The social claim on urban ecology. In: BENNETT, Michael; TEAGUE, David W. (Ed.). **The nature of cities: ecocriticism and urban environments**. Tucson: University of Arizona Press, 1999. p. 15-30.

SCHLIEPHAKE, Christopher. **Urban ecologies: city space, material agency, and environmental politics in contemporary culture**. Lanham: Lexington Books, 2015.

SILVA, B. N.; ARAÚJO, G. A. Representações da Natureza e do Homem em “Terra Caída”: a narrativa de Alberto Rangel sob o olhar da ecocrítica. **Baraquitã**, v. 2, n. 3, jan./jun., p. 55-73, 2023.

YERO, O. G. Ramón Meza en su centenario. **Islas**, v. 53, n. 168, p. 175-188, 2011.

Recebido em: 30 de junho de 2025.

Aceito em: 26 de agosto de 2025.